

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
29 de dezembro de 2023
NOS 25 ANOS DA AIP

ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ (2015)

de José Barahona

Realização: José Barahona / **Assistentes de Realização:** Filipe Ruffato, Ângela Sequeira / **Argumento:** José Barahona, baseado no romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato / **Fotografia:** Daniel Costa Neves / **Música:** Felipe Ayres / **Montagem:** José Barahona e Patrícia Saramago / **Direção de Arte:** Flávia Massena Guimarães, João Pedro Frazão/ **Direção de Som:** Pedro Sá Earp / **Montagem de som e mixagem:** Tiago Matos / **Design:** Marcelo Pallotta / **Interpretação:** Paulo Azevedo (Sérgio), Renata Ferraz (Sheila), Amanda Fontoura (Noemi), Rodrigo Almeida (Rodolfo), Henrique Frade (Dr. Fernando), Eduardo Dascar (Chefe Industrial), João Pedro Bénard (Patrão do Nôrdico), Miguel Telmo (Louco do Chiado)

Produção: Refinaria Filmes / **Produtora:** Carolina Dias / **Coprodução:** David & Golias, Mutuca Filmes / **Coprodutores:** Fernando Vendrell, Mônica Botelho

Cópia: digital (DCP), a cores, falada em português / **Duração:** 94 minutos / **Estreia Mundial:** 23 de junho de 2015, no Brasil/ **Estreia em Portugal:** 1 de dezembro de 2016, Cinema City de Alvalade, em Lisboa / *Primeira exibição na Cinemateca*

Com as presenças de José Barahona e Daniel Neves

ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ, primeira longa-metragem de ficção de José Barahona, é uma adaptação do livro homônimo de Luiz Ruffato, escrito no âmbito do projeto *Amores Expressos*; uma iniciativa que desafiou vários escritores brasileiros a viajarem para diferentes cidades do mundo, com o intuito de escreverem obras literárias que explorassem a temática do amor. O título “*Estive em Lisboa e lembrei de você*” remete imediatamente para uma epístola romântica - escrita por alguém que, durante uma viagem à capital portuguesa, se recorda da pessoa amada-, ou ainda para os vários tipos de *souvenirs* trazidos de uma agradável viagem turística. Esta *entidade* a que se faz referência no título – você -, nunca é verdadeiramente revelada. O protagonista apaixona-se duas vezes e, orientado pelo título, o espectador espera [e deseja] que uma dessas mulheres seja esse misterioso sujeito a que se faz referência, imaginando que se desenrolará no ecrã um intenso romance. Porém, em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, Luiz Ruffato – e, consequentemente, José Barahona na adaptação cinematográfica – desafia todas as noções mais imediatas (e preconcebidas) sobre o que é (ou pode ser) o amor. Como assinala o escritor, a história de amor [e saudade] que se concretiza na frase do título não estará tão relacionada com o amor romântico [experienciado pelo próprio protagonista], mas com outros tipos de afeição, ligados à experiência do *deslocamento migratório*. Na versão cinematográfica, esta memória nostálgica de algo indefinido remete para uma série de elementos

associados à terra natal: a língua, os vínculos afetivos, e as próprias fantasias que teriam sido projetadas sobre Lisboa e que agora são confrontadas e destruídas pela realidade da difícil experiência migratória.

Na versão literária, uma nota introdutória assinala que a história, narrada na primeira pessoa, é resultado de um depoimento “minimamente editado” de Sérgio de Souza Sampaio, registado no verão de 2005 em Lisboa. Apesar da omissão de tal referência biográfica na versão cinematográfica, também nesta é perceptível o cruzamento entre realidade e ficção. Em *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*, a história de Sérgio é contada pelo próprio personagem. Somos transportados para um comportamento inicialmente indistinguível, do qual se identifica apenas uma banal parede acinzentada por detrás de Sérgio, que surge, num grande plano frontal, a falar diretamente para a câmara; um cenário de entrevista, que replica os encontros que o verdadeiro Sérgio Sampaio terá tido com o escritor em 2005. Estes monólogos são cruzados por *flashbacks*, que permitem mergulhar nas memórias do personagem e navegar as estradas de Cataguases e de Lisboa. O testemunho de Sérgio, real ou fictício, encontra sustentação na realidade da experiência migratória: quando o homem se reúne, pela primeira vez, com outros conterrâneos num café e se conversa sobre o emaranhado da burocracia, o véu da ficção parece suspender-se. *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ* exclui qualquer representação romantizada da experiência migratória na Europa, oferecendo um retrato realista das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes.

Estas novas dinâmicas migratórias devem ainda ser observadas e consideradas num contexto mais amplo, o das relações pós-coloniais. Tal questão é explicitamente levantada pelo Doutor Fernando, um homem que nasceu em Portugal, mas cuja longa permanência no Brasil fez com que perdesse completamente o sotaque europeu; na sua última conversa antes da partida de Sérgio, o médico sublinha as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, que se acentuam ainda quando o movimento migratório se dá entre dois países com históricas relações coloniais, e no sentido inverso ao das invasões coloniais do século XV. Mais tarde, já em Lisboa, Sérgio passeia com Sheila pelo Parque das Nações, zona da capital portuguesa reconstruída aquando da Exposição Internacional de 1998, que celebrou os quinhentos anos dos “descobrimentos” (permanecem ainda, nesta zona, a Torre e a Ponte Vasco da Gama, que vemos no filme). Os novos edifícios que caracterizam esta área revelam o desejo de modernização e de projeção internacional de Portugal enquanto nação moderna e voltada para o futuro (não por acaso, aí se estabeleceram os escritórios de grandes multinacionais, após a Expo98), que contrasta com a tradição histórica representada pelos velhos edifícios do centro de Lisboa. Ao contrário do que acontece em Belém – área também ela restruturada no âmbito de uma Exposição Internacional, em 1940 -, nesta zona a nostalgia do passado revela-se numa linguagem moderna (a ponte mais longa da Europa, prédios de arquitetura moderna), revelando a vontade de repensar a relação de Portugal com o mar e o mundo na contemporaneidade. Nesse sentido, a escolha deste local como cenário para os vários encontros entre estes dois personagens, e para o momento em que Sheila partilha a sua experiência enquanto mulher imigrante, conduz-nos, inevitavelmente a reflexões sobre as ligações, mais ou menos óbvias, entre o passado colonial e as dinâmicas dos fluxos migratórios atuais.

No livro, o enredo estrutura-se em duas partes: *quando deixei de fumar/ quando voltei a fumar*. A primeira parte corresponde à vida de Sérgio em Cataguases, no Brasil, e a segunda à experiência enquanto imigrante em Lisboa. As belíssimas paisagens verdejantes de Cataguases, o sentimento de liberdade e felicidade, e a sensação de pertença (os encontros com os amigos no café, a família), contrastam com o inverno frio de Lisboa (que se reflete na atitude dos portugueses), e a austeridade dos prédios e da Pensão, morada temporária, cuja despersonalização transmite a solidão sentida pelos seus habitantes. A projeção do mito do *sonho americano* em Portugal - a ilusão de que nesse outro país, através do esforço e do sacrifício se encontraria a riqueza e a certeza de um futuro melhor -, é

desconstruída pelo confronto com a experiência de Sérgio (semelhante à de tantos outros imigrantes que chegam a Lisboa) marcada pela dificuldade em navegar um sistema burocrático confuso e complexo, a xenofobia, a solidão e as várias *armadilhas* e sistemas montados para beneficiar da precariedade e vulnerabilidade dos imigrantes. É esta longa *via-crúcis* que leva Sérgio a recorrer, novamente, à nicotina do tabaco.

Na segunda epígrafe do livro é reproduzido o poema *Brasil*, de Miguel Torga - escritor português que emigrou para o país em 1920, com doze anos -, cujos versos remetem para os sentimentos de nostalgia e saudade sentidos pelo sujeito *deslocado*, permanentemente dividido “entre o chão encontrado e o chão perdido”. As referências culturais adquiridas no novo país contribuem para um duplo sentimento de *desterritorialização* e *não-pertença* do migrante. Por um lado, o sujeito desenvolve laços com o país de acolhimento – começa a conhecer as suas referências culturais, a dominar a língua e a gíria e a participar ativamente na vida social; no filme, um clássico do cinema português – A CANÇÃO DE LISBOA – é visionado pelo pai e o filho da família angolana na sala da Pensão, enquanto no quarto a mãe trabalha (surgindo também nesta cena uma silenciosa e, ainda assim, poderosa referência ao trabalho sexual como alternativa única para a subsistência por parte das mulheres migrantes). À medida que vai desenvolvendo laços com a nova cultura e o novo território, o sujeito migrante vai-se afastando desse “chão perdido” e deixado para trás pelo movimento migratório, restando a nostalgia e saudade; mas a interminável burocracia, o racismo e a exclusão social, assim como tantos outros obstáculos, vão assegurando as estruturas hierárquicas de desigualdade social que separam nacionais de estrangeiros.

ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ é também um filme sobre o desenvolvimento socioeconómico do Brasil e de Portugal que, observado hoje, permite traçar uma reflexão sobre as mudanças dos últimos vinte anos. A ação do filme desenrola-se em 2005, três anos antes da crise financeira de 2008-2009 rebentar. No Brasil, o discurso sobre Portugal revela ainda aquela que era realidade que precedeu a crise (“está sobrando dinheiro e faltando mão de obra”). Do outro lado do oceano, porém, começam a fazer-se sentir os primeiros sinais da crise. Considerando o ano de estreia do filme, 2015, é impossível olhar para o personagem do “louco do Chiado”, que interpela os transeuntes sobre o valor de “um cidadão português”, instigando-os com provocações (“é isto que desejam de Portugal, que fiquemos de joelhos para o resto da Europa? Já não somos donos de nada neste país. Em pouco tempo, já só nos vão restar dívidas, e quem é que as vai pagar? (...) são as novas gerações. Antecipemo-nos, vendámonos”) sem pensarmos no pensantíssimo impacto das medidas definidas pelo “Memorando da Troika” na vida dos portugueses.

Mas nos quase dez anos que nos separam da estreia deste filme, as várias mutações por que passou Lisboa, transformaram-na, finalmente, numa cidade muito diversa da que vemos neste filme. A cidade invernal, tranquila e pouco agitada, deu lugar a uma capital europeia cosmopolita, com um fluxo de turistas que cresce exponencialmente e um novo tipo de imigração (proveniente de outros países da Europa e do *norte global*). Terão desaparecido restaurantes como aquele em que Sérgio almoçava todos os dias, e a Pensão na Praça da Figueira terá dado lugar a um Alojamento Local. Mas no vaivém das mudanças que Lisboa e Portugal parecem ter enfrentado nos últimos vinte anos, histórias como a de Sérgio permanecem assustadoramente atuais.

Sara Oliveira Duarte